Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

XIV ANNO | 1 DE OUTUBRO DE 1891 | VOLUME XIV — N.º 460

ANTHERO DE QUENTAL

D. Netto

Fallecido em 11 de setembro de 1891

CHRONICA OCCIDENTAL

Estranha e lugubre a fatalidade que n'estes ultimos mezes tem pesado sobre os homens mais eminentes e mais gloriosos das nossas lettras e da nossa Arte.

Primeiro foi Julio Cesar Machado o pobre e alegre Julio, que de repente, inesperadamente, epilogou a sua serena e honrada vida com uma tragedia medonha que assombrou todo o paiz! Depois foi Soares dos Reis, o grande artista que procurou no frio cano d'um revolver o termo aos martyrios e ás torturas d'uma doença incuravel! Depois seguiu-lhe o exemplo, procurando esse mesmo tragico remedio aos seus males incuraveis, Camillo Castello Branco, o mestre illustre! Agora é Anthero de Quental, o grande poeta, o santo philosopho, que cançado da lucta enorme que travára ha tantos annos com uma doença inquesitorial, que desalentado d'esse combate de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes, em que elle era sempre o vencido, vae buscar na morte o descanço eterno, o socego, a tranquillidade, o repouso, que a vida lhe negava tenazmente, implacavelmente!

Pobre e querido Anthero de Quental!

As relações que tive com elle foram poucas, rapidas, rapidos e poucos os momentos que tive de convivio com esse formoso espirito, com esse grande caracter, mas o talento de Anthero de Quental era tão colossal, tão colossal a bondade do seu coração, que bastava uma pessoa acercar-se d'elle uma vez para o ficar adorando, para se filiar immediatamente n'esse culto quasi religioso que por elle tinham todos os seus amigos, esse culto que se symbolisava no adjectivo com que na intimidade aureolavam sempre o seu nome — Santo Anthero.

Era um santo realmente Anthero de Quental, santo pela elevação do seu espirito, santo pela grandeza da sua alma, santo pela honradez do seu caracter, santo pela bondade do seu coração.

Anthero de Quental matou-se em Ponta Delgada — a terra onde ha 49 annos nascera — e a tristissima noticia do seu suicidio chegou a Lisboa no paquete de 22 de setembro.

Os jornaes dos Açores, todos elles contavam minuciosamente o tragico e inesperado acontecimento.

Anthero de Quental partira havia pouco para os Açores, a ver a sua familia, e na esperança de encontrar, porventura, no clima da sua terra natal, senão o remedio que sabia impossivel, pelo menos algum lenitivo aos seus males.

Essa esperança, a esperança de todos os que padecem, foi de encontro a mais uma triste desillusão.

Não só não achou melhora alguma, mas até pelo contrario, a doença progredindo dia a dia, dia a dia augmentava a sua tortura, o seu martyrio, esse martyrio, que segundo contam alguns dos seus intimos amigos, lhe fizéra pensar mais d'uma vez no suicidio, sem comtudo lhe dar a coragem necessaria para o pôr em pratica.

Não encontrando o alivio que esperava Anthero resolvera voltar para o continente ou apparentara ter tomado essa resolução e dissera a varias pessoas que seguia para Lisboa no paquete *Açor*.

No dia 11 de tarde Anthero comprou um revolver na loja do sr. Benjamin Ferin e ao anoitecer dirigiu-se para o Campo de S. Francisco.

Ali sentou se sósinho n'um banco e quando era noite disparou dois tiros na bocca.

Correu logo muita gente ao ouvir a detonação, Anthero foi levado ainda com vida para o hospital, mas todos os esforços da sciencia para o salvar foram inuteis e depois d'uma hora de agonia medonha, o grande poeta exhalou o seu ultimo suspiro, entrou finalmente no seio da morte, d'essa morte que ha tanto tempo elle namorava como o Supremo Bem, d'essa morte que elle cantou n um dos seus immortaes sonetos:

Deixae-os vir a mim, os que lidaram;
Deixae-os vir a mim, os que padecem;
E os que cheios de magua e tedio encaram
As proprias obras vans, de que escarnecem:

Em mim os soffrimentos que não saram
Paixão, Duvida e Mal se desvanecem.
As torrentes da Dôr, que nunca param
Como n'um mar, em mim, desapparecem.

Assim a morte diz, Verbo velado,
Silencioso interprete sagrado
Das cousas invisiveis, muda e fria,

É na sua mudez, mais retumbante,
Que o clamoroso mar: mais rutilante
Na sua noite, do que a luz do dia!

O cadaver de Anthero de Quental foi sepultado no dia 12 ás duas horas da tarde, no jazigo de sua familia, no cemiterio de S. Jeronymo

Foi numeroso o prestito que o acompanhou á sua ultima morada e á beira da campa, que se ia fechar sobre o grande litterato, fallaram os srs. Aristides Moreira da Motta, Julio Pereira de Carvalho e Costa e Manuel Pereira de Lacerda.

Anthero deixou testamento feito em 9 de setembro do anno passado, nas notas d'um tabellião da Villa do Conde

N'este testamento deixa varios legados a sobrinhos seus, a sua livraria á bibliotheca publica de Ponta Delgada, e institue herdeiros do remanescente da sua herança ás menores Albertina Meyrelles e Beatriz Meyrelles que foram creadas e educadas sob a sua direcção e viviam na sua companhia.

Anthero de Quental era novo ainda: completára 49 annos no meiado d'abril ultimo.

A sua obra litteraria não é muito volumosa mas é de altissimo valor litterario e philosophico e colloca o nome de Anthero entre os mais illustres dos nossos contemporaneos.

O OCCIDENTE publica hoje o retrato de Anthero de Quental e a sua biographia, mas nós não quizemos deixar de prestar aqui a nossa homenagem de respeito e de saudade pelo grande homem que as lettras portuguezas acabam de perder.

*
* *

A chronica tem hoje a registar tambem a morte de outro homem que era muito conhecido e muito estimado em Lisboa pelo seu bello caracter, pelo seu espirito activo e emprehendedor, o sr. Antonio Florencio dos Santos, proprietario e director da Escola Academica, um dos mais antigos e mais acreditados estabelecimentos particulares de instrucção, que havia em Lisboa.

Antonio Florencio dos Santos era um homem muito alegre, muito expansivo, muito obsequiador, muito delicado, que conhecia intimamente quasi todos os homens notaveis na sciencia, nas lettras, nas artes, na politica, porque quasi todos elles passaram pelos bancos do seu collegio, foram seus discipulos e seus amigos, porque Antonio Florencio dos Santos, tinha o condão raro de fazer amigos dedicados e extremosos de todos os rapazes que frequentavam as suas aulas.

A pessoa que escreve estas linhas nunca foi discipulo do collegio d'elle, mas conhecia Antonio Florencio dos Santos ha muitos annos, teve-o por padrinho da chrisma, e Santos desde então — ha mais de 30 annos — tratava o sempre por «meu afilhado» onde o via e com a jovialidade cheia de bonhomia que era o seu caracteristico.

Antonio Florencio dos Santos era muito mais velho do que parecia.

Ao vel-o com a sua bella cara insinuante e sympathica, as suas suissas meio louras meio brancas, robusto e agil ainda, ninguem diria que estava ali um homem de perto de 70 annos.

E não obstante estava quasi a fazel-os pois nasceu em 20 d'abril de 1823.

Filho de paes humildes, Antonio Florencio dos Santos dedicou-se desde pequeno ao estudo com muito afinco e aos 18 annos começou a ensinar, a seguir a carreira do professorado.

D'ali a 6 annos, em 1847 fundou o seu primeiro collegio a que deu logo o nome de *Escola Academica*, nome que em breve tanto se acreditou entre o de todas as casas de educação de Lisboa.

O primeiro local onde se estabeleceu a *Escola Academica* foi no Rocio, na casa onde está hoje o Hotel dos Irmãos Unidos.

D'ali mudou-se a *Escola* para a Calçada do Sacramento, depois para o Largo de S. Roque, para o edificio hoje alugado para o Ministerio da Instrucção Publica e finalmente para o grande palacio da Calçada do Duque, palacio construido por Antonio Florencio dos Santos sob o ponto de vista de collegio, com todas as condições exigidas para uma casa de ensino.

A morte de Antonio Florencio dos Santos foi muito sentida em Lisboa, e á sua desolada viuva e a seus filhos enviamos o nosso pezame.

*
* *

Nos theatros houve uma novidade importante, a estreia da actriz Lucinda do Carmo no theatro de D. Maria.

Lucinda do Carmo é dos talentos mais formosos e promettedores que de nosso tempo tem apparecido na scena portugueza.

Ha poucos annos ainda que debutou no theatro do Gymnasio e desde logo, desde essa peça de sua estreia o publico e a critica viram que estava ali uma actriz de raça.

Os progressos rapidos feitos por Lucinda do Carmo mostraram muito breve que a critica e o publico tenham visto bem.

Muito intelligente, sabendo dizer magistralmente como raras actrizes já feitas sabiam dizer, advinhando pelo talento os segredos que a sua pouca practica de theatro ainda lhe não tinha podido revelar, Lucinda fez rapido caminho.

Talento muito maleavel, podendo abordar com egual felicidade o drama a comedia e a farça, sabendo provocar a lagrima, o sorriso, a gargalhada, com a mesma facilidade e o mesmo successo, Lucinda do Carmo tinha condições para triumphar brilhantemente em qualquer dos generos.

O theatro de D. Maria, o theatro do drama e de alta comedia fechava-lhe as suas portas: o theatro d'operetta abriu lhe as suas.

Um papel que Lucinda do Carmo desempenhou com grande successo no Gymnasio, na comedia de Meilhac e Halevy — *O marido da debutante* e em que tinha que cantar uns *couplets*, mostrou que ella tinha uma voz pequena sim, mas muito afinada, de bom timbre e sobre tudo que dizia a lettra com um talento e uma intenção que é o segredo das grandes actrizes de *vaudeville*.

O successo enorme que Lucinda do Carmo alcançou d'ali a mezes no theatro dos Recreios, representando a *Nitouche* que o publico de Lisboa ouvira já pela celebre Judic, fez d'ella de pé para a mais a nossa primeira actriz de vaudeville.

Representou depois a *Lili*, e escripturada para a Trindade teve ali ruidosos successos na *Cigarra*, na *Cossaca*, no *Homem da Bomba*, na *Marquesinha*. Depois no theatro da Rua dos Condes fez com o mesmo successo a *Doutora*, e ultimamente na Avenida o papel de Gina no *Burro do sr. Alcaide*.

A empreza de D. Maria escripturou-a agora e Lucinda fez no sabbado ali a sua estreia n'uma graciosa comedia em verso, n'um acto, original do distincto escriptor brasileiro o sr. Filinto d'Almeida.

Lucinda do Carmo desempenhou magistralmente essa comedia.

A actriz de vaudeville transformou-se em primorosa actriz de alta comedia, e Lucinda do Carmo e Ferreira da Silva tiveram n'esse pequeno acto um grandissimo successo.

Lucinda provou brilhantemente n'essa comedia que o theatro de D. Maria era o theatro que lhe pertencia e que tem ahi o seu logar pelo direito que lhe dá o seu trabalho, e o seu talento, que é hoje dos mais brilhantes que illuminam a scena portugueza.

Gervasio Lobato.

ANTHERO DE QUENTAL

Horas antes de partir para os Açores dei-lhe o abraço da despedida. Estava bem longe de pensar que a viagem a que se destinava era essa de que se não volta A doença parecia cansada de torturar-lhe a existencia minada de longa data por um cruel soffrimento, e um raio de esperança penetrára emfim nas profundidades da sua alma que vacillava nas negruras de uma prolongada angustia.

Falou me do futuro, do seu proximo regresso, e tudo me fazia crer que em breve voltaria a ser o Anthero que eu havia conhecido no tempo da lucta que travára contra os preconceitos sociaes e o auctoritarismo das convenções.

Era mais uma illusão que tinha de cahir como todas as que vão cahindo sob as ruinas do outono da minha vida.

O ultimo paquete trouxe a noticia da morte d'aquelle grande espirito E como essa noticia contristou todos os que o conheciam e podiam avaliar quanto martyrio levaria a um acto de desespero aquelle que, no meio dos seus acerbos padecimentos repetia: *não tenho coragem para acabar com isto!*

Mas corramos um véo sobre os mysterios que estão sepultados no segredo do tumulo, para relembrarmos os dotes geniaes que exornavam o seu espirito, a summa bondade do seu coração, em que pulsava o amor da arte e da humanidade.

*
* *

Talento laboriosamente cultivado, engenho agudissimo secundado por uma imaginação potente,

taes eram os dotes intellectuaes que, governados pelos dictames da consciencia, constituiam a pessoa intelligente e pensante de Anthero de Quental.

Os sentimentos e os affectos desabrocharam n'elle muito cedo, sob a influencia de um generoso e ardente amor que do coração regia todo o systema das suas inclinações.

A vida de Anthero de Quental era completamente interior.

Os seus pensamentos nasciam, tomavam corpo e forma definitiva no casto isolamento da sua alma, e se se imprimiam no papel era á luz da sua consciencia, como as obras da natureza se fixam no invento de Daguerre pela acção dos raios solares.

Ao cahir das tardes, o espirito do grande poeta, do grande pensador, fechava-se em si mesmo, como se fecham essas flores que annunciam a proximidade da noite no *quadrante de Flora* que alguns botanicos se teem comprazido em idear.

N'esses momentos, na solidão do campo ou no bulicio da cidade, abandonava elle a companhia dos amigos e todo o commercio social, para abstrahir-se n'um demorado soliloquio e entrar no exame dos phenomenos moraes do seu ser, que a actividade do dia lhe não permittira trazer a juizo.

N'este ascetismo da religião da consciencia chegava a tocar, vacillante em suas duvidas, a anciada verdade, que para elle era a terra mãe onde cobrava novas forças para os combates do espirito.

Era tambem então que enriquecia a sua paleta com as tintas enthesouradas, a principio sem ordem nem discernimento, e submettidas depois á prova no crisol da reflexão e da arte, da arte antes por elle creada que facilmente apprendida dos seus mestres.

Este sabio regime é que em todos os tempos creou as intelligencias robustas e sãs; que tem dado harmoniosa continuidade ás existencias dignas de respeito e memoria, preservando-as das contradicções em que incorrem os homens que pensam e escrevem nas praças e vias publicas e teem medo de fazer parar a sua actividade de harda e estabelecer silencio para, em meditação socegada, não ouvir as revellações de uma consciencia tenebrosa.

Deve Anthero de Quental a esse regime os altos dotes que o distinguem, quer se estude o homem, quer se analyse o escriptor. Cante o grande artista uma estrella ou uma flor, ou exprima um sentimento, n'esses versos que só elle soube fazer — mixto de harmonia e ar, de perfumes d'esta vida e fragrancias do outro mundo — vê-se que brilha ante o inspirado como um raio de luz que lhe não permitte transviar-se, ainda que, timido ou audaz, ande no seu vôo pelos espaços ideaes onde se engolfam os poetas. Esse raio luminoso brota da estrella da arte que os antigos punham na fronte creadora das musas...

Cada pagina dos livros poeticos de Anthero dá testemunho do esmero com que subordinava a sua inspiração ás condições externas do bello achadas por elle nas vigilias do estudo.

(Continúa) *Francisco de Almeida.*

O MUSEU AGRICOLA E FLORESTAL DE LISBOA

Formando angulo recto com a parte oriental do theatro de D. Maria II, linha esta interrompida pela rua das historicas Portas de Santo Antão, eleva-se o antigo edificio conhecido no vulgo pela denominação de *Palacio dos Almadas*.

E' n'este edificio que está alojado o *Museu Agricola e Florestal*, creado por decreto de 22 de novembro de 1888 e inaugurado em 7 de junho do anno corrente.

O pessoal remunerado pelo Estado, é composto de: — um director, um conservador, dois escripturarios, quatro guardas e dois serventes.

O director é o sr. Paulo de Moraes.

O Museu occupa nove salas destribuidas assim: duas para exposição de madeiras e outros productos florestaes, quatro para productos agricolas nacionaes, uma de productos agricolas estrangeiros, e duas de vinhos e azeites nacionaes.

Estão ali representadas todas as regiões agronomicas.

1.ª região, ou *Noroeste*, de Entre Douro e Minho, comprehendendo os districtos do Porto, Braga e Vianna do Castello.

2.ª *Nordeste*, Transmontana ou *Terra fria*, comprehendendo os de Villa Real e Bragança, menos os concelhos que se comprehendem na 3.ª região agronomica.

3.ª *Duriense ou terra quente*, comprehendendo os concelhos de Mesão Frio, Santa Martha, Peso da Regoa, Sabrosa e Alijó, do districto de Villa Real; Carrazeda de Anciães, Villa Flor, Alfandega da Fé, Moncorvo e Freixo de Espada á Cinta, do districto de Bragança; Rezende, Lamego, Armamar, Taboaço e S. João da Pesqueira, do de Vizeu; e o concelho de Villa Nova de Foscôa do districto da Guarda.

4.ª *Litoral*, districto de Aveiro, Coimbra e Leiria.

5.ª *Montanhosa*, districtos de Vizeu e Guarda.

6.ª *Leste central*, districtos de Castello Branco e Portalegre.

7.ª *Oeste central* districtos de Lisboa e Santarem.

8.ª *Sueste*, comprehende os districtos de Evora e Beja

9.ª *Sul*, o districto de Faro.

As trez restantes regiões comprehendem o archipelago dos Açores e ilha da Madeira, e denominam-se:

10.ª *Madeirense* que comprehende o districto do Funchal.

11.ª *Açoriana oriental*, o districto de Ponta Delgada.

12.ª *Açoriana occidental*, districto de Angra e o de Horta.

E' justo citar aqui as localidades que mais se destinguiram no envio de productos e no interesse que lhes mereceu o *Museu Agricola e Florestal de Lisboa* vindo a esta cidade visitar as installações agricolas do historico palacio dos *Condes de Almada*.

O *Museu* tem sido visitado por proprietarios e lavradores de Vizeu, Figueira, Coimbra, Vianna do Castello, Torres Novas, Montargil, Figueira de Castello Rodrigo, Covilhã, Guarda, Aveiro, Alcacovas, Cuba, Monção, Vidigueira, Evora, Villa Real, Portalegre, Elvas, Santarem, Alcobaça, Mafra, Nellas, Louzada, Torres Vedras, Alemquer, Gavião e Braga.

As ilhas dos Açores, a nossa joia do Oceano tão cubiçada, a Madeira, e as colonias africanas, tambem se fizeram representar, vizitando e admirando o Museu, os seus mais abastados proprietarios.

Comtudo devemos consignar aqui os nomes das provincias que mais se esforçaram para dar todo o brilho e auctoridade que devem revestir os Museus, estas *montras* colossaes em que uma nação expõe o estado da sua civilisação e riqueza. Foram: — 1.ª a *região* em que os particulares tão espontaneamente concorreram para que ella largamente se mostrasse em toda a pujança do seu grande valor agricola, e a 6.ª *região* devido ao incançavel esforço e verdadeira dedicação do respectivo agronomo.

Em geral, a attitude da população agricola, quer pelos lavradores como pelos seus grandes proprietarios, tem sido em extremo sympathica ao *Museu Agricola e Florestal*, e está recebendo valiosas doações de generos, alfaias ou madeiras.

Ha por consequencia fundadas esperanças de que a creação do *Museu* desenvolva, entre nós, o gosto pela agricultura.

*
* *

Dando hoje os retratos dos srs. conselheiro Elvino de Brito e Carlos Borges, o OCCIDENTE, não faz mais do que prestar justiça devida. Ao primeiro, porque, representando o elemento official, que de ordinario é escolho onde as melhores ideias naufragam, teve força sufficiente e energia para, sendo o iniciador do primeiro Museu agricola, em Portugal, debelar difficuldades e arredar obstaculos; e são estas as qualidades que a par de uma esclarecida intelligencia e activo trabalho teem tornado sympathico o nome de Elvino de Brito.

Ao segundo, porque, o sr. Carlos Borges, no exercicio do seu logar de conservador, tem sabido sustentar na pratica o que estava pravado na logica, pela intelligencia como se desempenha da sua missão, e pelo modo habil como sabe atrahir o vizitante e o estudioso, tornando-o interessado pelo desenvolvimento agricola do seu paiz. E' este *savoir-être* que parallelisado com uma affabilidade e tracto distincto, faz com que o mesmo vizitante lá volte outra vez. Porque, se a primeira visita é ao *Museu agricola*, a segunda é, no seu primordial impulso, de agradecimento ás amabilidades do simpathico conservador.

*
* *

O sr. Gamito, funccionario superior do ministerio das obras publicas, dá nos esclarecimentos preciosos na *Agricultura portugueza*, periodico dirigido pelo nosso amigo Francisco S. Margiochi e pelo sr. Paulo de Moraes, director do *Museu agricola e florestal*. A elle por mais de uma vez nos soccorreremos.

O Museu occupa as salas do primeiro andar. Subidos os dois lanços da elegante e ornamentada escada de pedra encontramo-nos no vestibulo. Ahi nos depara um enorme disco, ou rodella, de um pinheiro que vegetou duzentos e cincoenta annos na cerca do convento de Santo Antonio dos Olivaes, em Coimbra.

O disco tem de diametro quasi dois metros!!...

Passado o vestibulo temos á direita uma sala que expõe ao centro, varias *montras* com productos de coniferas indigenas, e as estrangeiras produzidas no nosso paiz. A salla é elegantemente ornamentada, ha ali um bello ramo de pinheiro bravo com cento e trinta e tres pinhas, um modelo de forno empregado no pinhal de Leiria para fazer carvão de pinho; outro de estaleiro para injecção de madeiras; e outro para córte de madeiras, apropriadas a diversos fins industriaes; amostras de madeiras atacadas por parasitas, mostrando os estragos de taes ataques; um modelo de grande barragem em cantaria para não haver deslocação nas margens das correntes; mais dois modelos, um de sebes mortas empregadas na correcção das ravinas, e outro de instrumentos agricolas; uma collecção de toros para conhecer o grau de resistencia das madeiras enterradas até á profundidade de um a dezesete metros, e durante tres a trinta annos; amostras de carvão de medronheiro, samôco, moita, tojo, murta, lentisco sobro e pinheiro; uma collecção completa de madeiras do Mexico; exemplares que habitam as mattas, aguias do Gerez, a *capra hispanica* da mesma serra, doninha, texugo, ouriço, rapoza, furão, etc.

Entramos na segunda sala onde se nos deparam collecções de productos agricolas da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª regiões. Ao centro da sala está uma *vitrine* com uma variadissima exposição pomologica, onde ha duzentas e quarenta variedades de peras, e oitenta de maçãs, a[illegible]s melões e melancias. Estes fructos (modelos) foram [illegible]to elogiados quando tão brilhantemente figuraram na exposição do Porto em setembro do anno passado. E' tambem digno de menção o artista que tão correctamente modelou aquelles fructos, capazes de enganarem a mais experimentada vista. Foi o sr. Julio de Menezes, já bem vantajosamente conhecido no mundo da arte, quem mais uma vez affirmou os seus apreciados meritos de artista.

Na terceira sala estão os productos agricolas das regiões que abrangem os districtos de Vizeu, Guarda, Portalegre, Castello Branco, Santarem e Lisboa. N'esta sala estão tres manequins representando um camponez, uma lavradeira de Vianna do Castello e uma mulher de Avintes. Ao centro d'esta sala está a estatua da *Agricultura* do distincto esculptor Simões d'Almeida, de que tanto se occupou o (¹) OCCIDENTE, quando descreveu a Exposição industrial e agricola na Avenida, em 1888.

Na sala seguinte vimos uma curiosa collecção da producção geral do paiz em cereaes e legumes; pode dar logar a estudos muito interessantes, um detido exame d'esta bem orientada exposição E não faltará, decerto, entre os especialistas quem a faça.

Na quinta sala estão expostos productos das quatro regiões que comprehendem os districtos de Evora, Beja, Funchal, Ponta Delgada, Angra e Horta. Vêem-se ahi amostras de solos, subsolos, linhos de varias qualidades, oitenta e duas qualidades de trigo, manocas de tabaco manipulado e por manipular do Douro, uma collecção de adubos chimicos fabricados no paiz e outra de lãs nacionaes e estrangeiras; sendo muito elogiada, por auctorisados visitantes, a lã denominada *merina de Oeiras*. Segue-se a salla sexta tendo á porta um manequim representando um campino do Ribatejo com o respectivo pampilho. N'esta sala estão os productos estrangeiros de Allemanha, França e Hollanda.

A primeira d'estas nações apresenta productos do Wertemburgo e Saxonia expressamente colleccionados para o nosso Museu, pelo director do Instituto de Hohenheim e por mr. Knauer director da estação experimental de Grobers.

Os colleccionadores da França e da Hollanda foram respectivamente os snr. Vilmorin e Waldeck. Esta exposição consta, como a da Allemanha, de adubos chimicos, tabaco, linho, canhamo, e cereaes em que é muito completa.

As duas restantes salas teem em lindas pyramides, garrafas de vinho 2.400 e de azeite 1.400.

Todas as salas estão bem ornamentadas, com simplicidade mas com um tom perfeitamente nacional. Respira-se ali aceio, frescura, sente-se em tudo que ali se vê o amor ao paiz, o enthusiasmo

(¹) N.ᵒˢ 342 a 359.

MUSEU AGRICOLA E FLORESTAL DE LISBOA

Vista exterior do Museu

Um guarda do Museu e 3.ª Sala

2.ª Sala

Carlos Borges

Elvino de Brito

7.ª Sala, Exposição de vinhos e azeites

5.ª Sala, Exposição de cereaes, legumes, etc.

Vestibulo

Uma pyramide de garrafas na 7.ª Sala

(Desenhos de L. Freire e C. Silva)

pelas nossa agricultura. Ai de mim ! foi decerto esta simplicidade que tão se eguala com os nossos costumes o que fez produzir a phrase sentimental do malogrado amigo de Alexandre Herculano, o rei D. Pedro V - - «*Distinguiam-se outr'ora as nações pelas obras de guerra, distinguem as hoje os trabalhos de paz*» —

Pobre rei ! Bem se vê! hoje, passados mais de trinta annos que D. Pedro V. disse esta phrase que encima um dos porticos das salas do *Museu agricola e florestal*, — bem se vê, olhando para as orgulhosas esquadras do inglez, para os grandes exercitos da França, para as legiões de soldados da Russia, do exercito da Italia e Austria, dos milhões de soldados da Allemanha ; bem se vê ! — quando na nossa frente a Hespanha procura mobilisar perto de 600:000 homens, quando a triplice alliança, sollicita, com humildade quasi, o appoio do inglez. Ai de mim ! bem se vê qua as nações só se *distinguem nos trabalhos de paz*.

Nos trabalhos de paz !...........

Pobre rei !

Foi decerto por só pensarmos nos *trabalhos de paz* que nos estoirou na cabeça o vilissimo *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890 !..............

Manoel Barradas.

RICARDO HENRIQUE MAJOR

No dia 25 de junho, d'este anno morreu em Londres, sem que a agencia Havas se dignasse transmittir-nos noticia para nós tão importante, o illustre escriptor inglez Ricardo Henrique Major, que empenhára o seu talento e o seu estudo n'uma obra monumental, consagrada á gloria portugueza. E' tão raro encontrar-se um inglez que assim se enthusiasme pela nossa historia, que reivindique até contra compatriotas seus a gloria dos nossos maiores, que realmente eram poucos todos os testemunhos de gratidão que a esse honrado inglez prestassemos. Pois morreu completamente esquecido, e, se o author deste artigo não tivesse lido uma noticia escondida a um canto de uma *Illustração* ingleza, não se saberia em Portugal que morrera um grande amigo nosso, que bem merecia que tão levantada homenagem lhe prestassemos quão profunda deve ser a execração votada aos seus compatriotas que não fazem senão detestar-nos e amesquinhar nos.

A *Vida do principe Henrique* é magistralmente escripta. O capitulo intitulado *Primeiros lampejos de luz* consagrado á vaga noticia que das terras oceanicas havia antes das descobertas portuguezas é litteralmente uma maravilha. O estudo profundo e consciencioso que elle consagra á historia dos nossos descobrimentos, e o ardor com que exalta e defende as nossas glorias tornam-n'o digno do respeito de todos os corações verdadeiramente portuguezes

No prefacio d'essa obra, narrou o illustre escriptor uma campanha vivissima que intentou contra Mr. Margry, um escriptor francez que quiz demonstrar com documentos forjados que a descoberta da Africa occidental fôra feita antes de nós pelos normandos. Major perseguio-o sem tréguas, desfez-lhe todos os sophismas, mostrou-lhe a falsidade de todos os documentos, e obrigou-o perfeitamente a render-se.

No seu livro mostra elle uma rara isenção, demonstrando com documentos portuguezes do seculo XVI e com uma carta geographica do mesmo seculo, que a descoberta dos lagos da Africa central attribuida a Speke e a Grant e a Livingstone, fôra feita pelos Portuguezes já no seculo XVI. Aos que se indignavam contra a profanação da memoria de Livingstone podia elle responder como o grande escriptor latino : *Amicus Livingstone, sed magis amica veritas*. Como é delicioso encontrar, no meio dos calumniadores que nos asseteiam na Inglaterra, um homem leal como este, que não hesitava em prestar homenagem ao povo, hoje tão menosprezado, que tão altos serviços fez á geographia e á civilisação !

Tambem contra as pretenções francezas, que até da gloria do descobrimento da India nos queriam esbulhar, levantou a sua voz.

Foi elle que reivindicou para os navegadores portuguezes a gloria do descobrimento da Australia. Encontramol-o a elle em toda a parte como o campeão das nossas tradições descobridoras.

Só n'um ponto cedeu o seu amor de verdade ao preconceito natal, ou antes só uma vez se deixou captivar pelo encanto de uma romantica historia, que acariciava ao mesmo tempo o seu patriotico orgulho. Essa fascinação cegou o na questão do descobrimento da Madeira, e enlevado no delicioso e tragico idyllio dos amores de Anna d'Arfet e de Roberto Machim, quiz dar a essa lenda os foros historicos, engastando a legendaria narrativa das *Epanaphoras* de D. Francisco Manuel de Mello na chronica dos descobrimentos, e attribuindo assim deveras aos dois phantasticos amantes inglezes a descoberta da Madeira. Não nos podemos queixar muito, pois que foi um escriptor portuguez quem primeiro deu curso á romanesca tradição Se foi peccado venial, perdoemos-lhe em lembrança de tantos relevantissimos serviços.

Foi, emquanto a nós, com superior criterio que elle attribuiu a descoberta dos Açores antes de Gonçalo Velho a marinheiros portuguezes do tempo de Affonso IV, marinheiros ainda commandados por aquelles officiaes genovezes que D. Diniz mandou vir de Italia e que tantos serviços prestaram á nossa marinha. Na nossa *Historia de Portugal* tivemos ensejo de citar e de applaudir essa idéa.

Não nos consta que Major escrevesse outras obras que não fosse a que elle consagrou á gloria de D. Henrique ! E essa gloria como elle a exalta ! como elle pinta com enthusiasmo essa grande physionomia ! como põe em relevo os altos serviços que elle prestou ! como faz sentir bem que os Colombos e os Gamas, qualquer que fosse a altura do seu genio, não são mais do que meros satellites do grande iniciador, discipulos da sua escola, fructos da arvore que elle plantou !

O que elle publicou tambem foi uma edição da narrativa dos irmãos Zeno. os celebres venezianos, e por esse relativamente insignificante serviço se mostrou altamente reconhecida e penhorada a Italia. Nós nem da morte soubemos. Tambem antes de morrer já estava esquecido por aquelles que elle tanto amara e servira.

Em 1880 foi elle nomeado conservador dos mappas e cartas do Museu Britannico, logar perfeitamente adquado ao seu espirito e aos seus estudos, porque na Inglaterra ainda se escolhem os homens para os logares, e não os logares para os homens. Era ha vinte annos secretario honorario e vice-presidente da Real Sociedade de Geographia.

Quando morreu tinha pouco mais de 70 annos. A sua physionomia bondosa e respeitavel ahi a apresentamos aos leitores em excellente gravura no Occidente. Presta-lhe este jornal a homenagem que póde prestar-lhe, e o author d'este artigo tem o doloroso jubilo de ser o primeiro que lançasse sobre o seu tumulo estas piedosas flores. Merecia mais larga homenagem o homem, que no meio da tempestade de insultos e de calumnias que nos vem todos os annos de Inglaterra, nos enviou, e como uma brisa cariciosa e consoladora, o sopro da sua sympathia, o echo da sua energica defeza, e da sua desassombrada homenagem. Ingratos sempre, parece que mais conhecemos o nome dos nossos detractores do que dos nossos campeões. A Inglaterra—e isso percebe-se —consagrou apenas ao brilhante escriptor, porque o era, umas linhas mais curtas do que as que consagra á memoria do sr. Henrique Farmer, um violinista ignorado, e um compositor cuja obra capital foi uma walsa *Fir stove* que se dança na Inglaterra. Mas Portugal é que devia protestar contra o esquecimento, e dar a Ricardo Major o logar que de direito lhe compete entre os mais eminentes historiadores das grandes descobertas.

Pinheiro Chagas.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XVII

RECEIOS DE CLAUDIO

Comquanto Claudio de Castro já fosse moralmente o dono de tudo que Anna da Soledade trouxera para o casal, não estava isto ainda confirmado por sentença dos tribunaes, e emquanto essa sentença se não desse poderia ser chamado a prestar contas ou a entregar o que havia extorquido.

Essa ideia predominava-lhe no cerebro, terrivel, esmagadora ; e, foi obedecendo a um plano friamente combinado que elle arrastou Anninhas ao adulterio, que depois forjou o processo de separação de pessoas, ficando com a administração de todos os bens, e ainda que alliciou os ciganos para darem descaminho ao fructo do crime, ao mesmo tempo que inclausurava Anninhas no Convento de Nossa Senhora da Conceição.

Mas deveria parar aqui ?

Tinham-se passado sete annos, não havia noticias de que a creança apparecesse nas visinhanças de Louredo, tel o-hia sabido immediatamente, porém existia ainda um enorme obstaculo a remover, o maior de todos elles, a existencia de Anninhas.

Oh ! se ella tivesse morrido, isso sim, juntaria a certidão de obito e com um simples requerimento os tribunaes considerar o-hiam o unico e legitimo herdeiro de tudo com que sua mulher entrara na sociedade conjugal.

Não havia filhos, é certo, mas tambem não havia parentes alguns que viessem reclamar o que fôra d'ella.

Muitas vezes o morgado pensava na probabilidade de Luiz tornar a apparecer em Portugal, e então, a ideia de que elle o levasse á collisão de restituir o dote de Anninhas, lançava o n'um desespero terrivel, produzindo-lhe uma excitação de tal maneira irritante, que os labios se lhe contrahiam, os olhos pareciam prestes a sair-lhe das orbitas, e as mãos crispadas despedaçavam o primeiro objecto que o acaso tivesse posto perto d'elle.

— Se Anna aqui estivesse n'este instante ao pé de mim, eu saberia como se acabava tudo... Mas dentro d'um convento, rodeada de tanta gente, sendo-me impossivel fallar lhe senão guardado á vista, e ainda assim atravez de grades, como poder acabar com esta existencia cheia de perigos ?

Decididamente a morte de Anninhas era uma necessidade para o socego de Claudio. Vinha assegurar-lhe a posse da fortuna que elle accumulava ha tantos annos, á custa de sacrificios e até de privações.

Vendera o seu solar de Louredo, as propriedades de Anninhas, despira-se do fausto devido á sua representação social, e que elle, até certo tempo exaggerava perdulariamente; mandara embora as criadas, fizera leilão das mobilias riquissimas que ornamentavam as salas do seu palacio, na occasião do casamento, e que depois foram pagas do dote da morgada, e, dizendo-se que elle tinha comprado aquella casa onde vivia em Beja, o certo é que a tomára de arrendamento por um preço modicissimo, fugindo ao convivio das suas antigas relações, tendo apenas para o servir uma criada velha que trouxera de Louredo.

Todas essas vendas elle realisara em boas peças de ouro, as quaes guardava n'um pequeno cofre de madeira do Brazil, cuidadosamente fechado por duas linguetas de segredo, e ainda mettido n'um vão aberto na parede, á cabeceira do seu leito, artisticamente disfarçado por uma porta falsa.

Tambem do seu bolso não saía nunca a chave do quarto e emquanto a criada se demorava ali fazendo a limpeza, elle não abandonava a guarda do seu thesouro.

Era só depois d'ella se deitar e depois de trancar bem a porta e as janellas, e sempre a altas horas da noite, que elle ia buscar o cofre, collocava-o sobre uma mesa, abria-o e punha se a contar soffregamente as peças reluzentes, embevecido horas e horas, como se naquelle ouro estivesse toda a sua alma, toda a sua vida !

A's vezes um pequeno rumor bastava para o arrancar subitamente do extasi profundo em que deixava submergir o espirito e então as feições transformavam-se medonhamente, fechava aquelle deposito sagrado, corria a buscar uma arma de fogo e punha-se a percorrer as casas, parando a qualquer rajada de vento que obrigava a estremecer as vidraças, ou por outra qualquer causa ainda de menos importancia que esta, passando assim muitas noites sem poder conciliar o somno.

Mas veiu o acaso por-se do seu lado.

A entrada dos francezes em Beja, ao mesmo tempo que o sobresaltara com receio de que lhe roubassem o que tinha de mais caro no mundo, veiu por outro lado lançar-lhe uma grande esperança no seu viver inquieto e febril.

Os francezes onde entravam deixavam vestigios de sangue Em muitas terras haviam assaltado os conventos e morto algumas religiosas. Não era nada impossivel que em Beja ousassem o mesmo.

Demais elles vinham castigar uma cidade sublevada e necessariamente as violencias haviam de ser grandes para obrigar o povo a submetter-se pelo terror.

Aguardou os factos

Em breve se espalhou em toda a cidade que alguns soldados de Berthier se tinham dirigido ao convento de Nossa Senhora da Conceição, quando tocára ao saque.

O morgado de Louredo não foi dos ultimos a ser informado, e apenas anoiteceu aventurou-se a ir até á rua dos Infantes.

A portaria estava franca, entrou.

Adiantou-se até onde partia o rumor de vozes,

viu os francezes andarem correndo atarefados d'um para outro lado, fazendo a colheita dos objectos de valor a que podiam deitar a mão, e esperou paciente e resignado que se proporcionasse occasião para se adiantar mais no interior do convento, não tardando que lhe chegassem aos ouvidos gritos de desespero, gargalhadas de escarneo, acclamações victoriosas, soluços dolorosos, n'uma confusão indiscriptivel, á similhança d'essas grandes saturnaes em que as mães, pela taça dos Borgias, offereciam veneno aos filhos que haviam tido por amantes.

Mas as horas corriam não podera adiantar-se mais do que já o fizera. E se o encontrassem?

O perigo era incalculavel, e só a audacia de um criminoso espreitando a occasião de ferir a sua victima pode explicar esta temeridade de Claudio.

Já havia examinado a pederneira da sua pistola, bella arma antiga e que nunca havia errado fogo uma unica vez, e dispunha-se a subir as escadas de cantaria que lhe ficavam na frente, quando sente que alguem desce. Encobre o rosto com a capa e occulta-se precipitadamente.

Uma mulher passa rapida e dentro em pouco alcançára a saida.

E se fosse ella?

Claudio segue-a tornejando o claustro opposto e vae sair-lhe ao encontro.

O braço do morgado, que segurava a pistola, tremia e como que uma tenaz de ferro apertava-lhe o coração.

....

Do convento até a casa o morgado de Louredo não corre, voa. Pucha a campainha, a criada vem recebel-o com o candieiro, pois d'essa mesma elle occulta o rosto, como temendo que advinhem o seu crime.

Entra precipitadamente no gabinete que era contiguo ao quarto, e o seu primeiro cuidado é queimar o documento revelador que encontrara no habito de Anninhas, passando o resto da noite a por em ordem os seus papeis.

Extenuado deixou-se cahir sobre a cadeira á Voltaire que tinha na frente da sua papelleira, limpando o suor que lhe saia aos borbotões da testa como se lá dentro houvesse alguma agonia moral.

— Matei-a! Tenho a certeza de que a matei. . E' um crime mais porem toda aquella riqueza será minha. Minhas aquellas barras de ouro que valem o melhor de trezentos contos.. quasi um milhão. Quasi millionario!

No dia seguinte os sinos do convento dobravam a finados.

Decerto os officios por alma de Anninhas.

Esta lembrança produziu em Claudio de Castro um calafrio terrivel.

N'aquelle momento dois espectros acabavam de passar-lhe pela vista: Thereza Leite apunhalada e Anna da Soledade morta com um tiro.

Felizmente que esta dolorosa impressão passou como um meteoro.

Vestiu-se e dirigiu-se para o convento.

O que se teria passado? Teria tido Anninhas tempo ainda para o denunciar? Precisava apparecer para não causar suspeitas.

No templo o numero de curiosos era grande.

Entrou, porem a sua surpreza foi extraordinaria quando viu tres caixões sobre outros tantos catafalcos armados no corpo da egreja.

Em qual d'elles estaria Anninhas?

Regressou a casa certo de que o que lhe restava fazer era tratar de obter a legitima posse de tudo que fôra da sua mulher.

Porem estava inquieto.

Tornou a sair e procurando fallar com algumas pessoas sobre a morte das tres religiosas do convento de Nossa Senhora da Conceição, e nenhuma lhe disse que das tres fosse Anninhas uma d'ellas.

Instar seria denunciar-se.

Depois poderiam os de fóra ignorar, como era ignorada de todos a causa que determinara essas mortes e os successos que ali se tinham dado em a noute anterior.

Isto por um lado levara o á confirmação de que ninguem desconfiava d'elle.

Mas no dia seguinte a impaciencia que o dominava obrigou-o a ir novamente ao convento.

Procurou o capellão.

Estava este ainda debaixo da impressão dolorosa que lhe causara a morte repentina de Soror Maria Paula.

— Veja sr. morgado, quantas fatalidades em dois dias.

— Parece que uma ave de mau agouro pousou sobre os telhados d'esta casa... Ainda ante hontem a morte d'aquella religiosa.

— E' verdade, as tres joias da communidade. Tres irmãs...

— Ah! eram irmãs? Interrogou Claudio devéras surprehendido?

— Eram, acrescentou o capellão, sem notar a mudança repentina que se operára no rosto do morgado. Entraram para aqui na flor dos annos... Porem ainda não é tudo. N'essa noite fatal em que eu tive de fugir para não ser morto, desappareceu-nos tambem Soledade, e até agora por mais pesquizas que se tenham feito não a conseguimos encontrar.

Um raio que cahisse n'aquelle momento aos pés do morgado, não o teria fulminado tão rapidamente, como o que o capellão lhe acabava de dizer.

— Pois é possivel .. A morgada desappareceu... Oh! é incomprehensivel... Tel-a-hiam assassinado? Aventurou-se elle a perguntar

— Se tal desgraça se tivesse dado, certamente que já havia de ter sido encontrada. E depois que interesse teriam os francezes em occultar um cadaver, se ninguem lhe tomava contas do crime?

— Diz bem, o facto é deveras extraordinario... Desappareceu... Pois ella desappareceu?

E dava mil voltas á imaginação para poder explicar satisfatoriamente similhante mysterio!

Claudio vira Anninhas cahir banhada em sangue e quasi que já nem respirava quando lhe arrancara o documento que ella tinha no habito.

Fugir n'esse estado era inacreditavel.

Leval-a-hiam?

Quem! Para onde?

Haveria alguem que tivesse empenho em occultal a? E esse alguem certamente era um inimigo novo de que precisava precaver-se.

Impressionado com tão desagradavel noticia, Claudio de Castro retirou-se quasi sem se despedir do capellão, que pouca attenção lhe deu por andar dando ordens para officios de corpo presente que iam ter logar pela morte da superiora.

O morgado saiu do convento e dirigiu-se para sua casa, ao acaso, quasi sem a noção do que praticava. Tal era a confusão e a desordem do seu espirito, porem ao entrar na rua em que morava teve de se amparar para não cahir redondamente no chão.

Eram dois individuos que passaram junto d'elle e dos quaes um, quasi lhe tocára com um hombro Claudio reconhecera Fernando Telles e Luiz Ferreira Lobo.

— A sua presença em Beja explica tudo. Auxiliado com o medico Fernando Telles conserva Anninhas em seu poder... Sim é isso. Chegaram depois de eu ter saido encontraram-a ferida e levaram na. Esta resolução encobre de certo algum projacto contra mim. Pensarão em obrigar-me a entregar lhe a fortuna? Ah! mas o meu thesouro é que eu não dou... Se o quizerem hão de arrancar-m'o com a vida! Preciso acautelar-me! Fugir d'aqui quanto antes para um logar seguro, onde me não possam encontrar. Ah! sim, todos os meus receios eram esses, porem a partida ainda não a perdi e primeiro que elles me levam o meu ouro heide com elle abrir-lhes as portas d'um carcere e talvez fazel-os subir os degraus d'um patibulo!

E deixando transparecer nos labios esse sorriso cynico, que era, expressão da sua alma malvada, Claudio de Castro entrou socegadamente em casa e foi sentar-se a escrever uma carta ao general Berthier.

N'essa carta Luiz e Fernando eram denunciados como patriotas.

(Continua) *Julio Rocha.*

OS MEUS LIVROS

XIII

A Morta, drama em cinco actos, em verso, de H. Lopes de Mendonça, representado no theatro de D. Maria II, em 30 de dezembro de 1890; — é este notavel drama do nosso velho amigo Lopes de Mendonça, o que agora temos sobre a nossa banca de trabalho.

Será preciso apresentar Lopes de Mendonça? quem não conhece o antigo e vernaculo folhetinista do *Diario Popular*, o critico theatral do *Universo Illustrado*, o auctor da *Estatua* e do *Duque de Vizeu*?...

O *Duque de Vizeu*!... Ainda me não foi possivel esquecer as diatribes de que fui victima por causa d'este drama! Comtudo triumphei e ao meu lado vi Zacharias d'Aça, um dos nossos mais illustrados criticos de arte, e L. A. Palmeirim o velho escriptor que foi um dos astros mais luminosos da nossa litteratura arrojada nos aureos tempos de Garrett, Bulhão Pato, Cascaes, Rebello da Silva, Mendes Leal, etc.

Não fomos dos felizes que viram representar a *Morta*, mas lemos o drama. A alta imprensa já se referiu em larga critica aos merecimentos do dramaturgo e da sua obra, e até alguem fez reparo n'uns alexandrinos recitados por um dos personagens quando, em scena, os populares notavam, a mal, as despezas do rei D. Pedro II, *O Crú* (acto V, scena I) com a trasladação dos restos de D. Ignez de Castro. É que esses cinco versos pareceram um aviso aos monarchas que preferem viver dos aulicos a conviver com os povos; eil-os:

E' por satisfação do nosso rei?... Pois dê lha
A gente sem rosnar. Tambem elle, nas côrtes,
Attende ao nosso jus contra o poder dos fortes!
Livra-nos de oppressões, e injurias dos fidalgos,
Dos seus roubos, dos seus amores, dos seus galgos.

Finalmente, *A Morta*, esculpio uma ephemeride de ouro na historia do drama nacional.

Nada temos, pois, a accrescentar, sobre o sympathico motivo d'estas linhas, senão o agradecimento ao auctor dramatico e illustrado academico pela lembrança do obscuro nome que assigna esta secção.

* * *

Alma Lyrica, livro de versos de Luiz Osorio.

Todos que nos lêem se lembram ainda da verdadeira nomeada que alcançou, este brilhante e correctissimo poeta, quando publicou as *Neblinas*.

Na *Alma Lyrica* ha principalmente a revellação de um caracter affectivo e bom. E' por isso que a obra de Luiz Osorio, produz em nosso espirito um effeito semelhante ao que sentiriamos se, subitamente, nos arrancassem d'um pantano para nos lançarem nos encantadores banhos da Pompeia da edade de ouro.

Depois da leitura da *Alma Lyrica* fica-nos a impressão que no nosso espirito nos deixaram estes versos de Sainte Beuve:

Vivre sachez le bien, n'est ni voir ni savoir,
C'est sentir, c'est aimer; aimer c'est la tout vivre.

Mas o Amor, no livro de Luiz Osorio, é pleno de bondade como o coração dos santos altruistas. Não é um Amor, que ordena, que quer. Não; o da *Alma Lyrica* é um amor que só quer admirar, estimar e applaudir o objecto do seu culto. E' que de facto, para persuadir, consolar, animar, possuir toda a alma e querer o bem pelo bem, só ha o Amor.

Na *Criança morta* e nas *Ondas* é que mais se impõe o talento do auctor.

Na *Cria ça morta*, á primeira leitura, se prova o que dizemos; ha ali ondas de harmonia .. Mas que enorme coração não é preciso ter para pensar e escrever assim!

E as *Ondas*?

Hontem um dia mão, pluvioso e triste
Hoje, a manhã d'um sol que explende e aloga...

Eis a imagem de tudo quanto existe!
A nossa vida é sonho de creança:
— Outro sorriso vem, mal um se apaga...
A nossa vida é mar, e o mar — esperança:
— Mal uma vaga vem, foge outra vaga,
Mal um sonho fugiu logo outro avança...

A *Segunda parte* é a que mais amamos em todo o livro porque é n'ella que resalta como uma faisca electrica o aviso de Déspreaux:

Souvent, sans y penser, un ecrivain qui s'aime
Forme tous ses herós semblables á soi même.

E' a paginas 113 que o poeta não velando o coração o mostra claro, em glauca luz, como o sol quando enterra fundo os seus raios nas aguas do mar.

Que esplendida impressão a que se inspira n'estes versos!

Dorme!... Deixal-a dormir!
Na fita semi-aberta
Dos labios descoraditos,
Anda lhe o pae a sorrir...
Cuidado se ella desperta
D'esses mundos infinitos,
Onde se vive a sorrir!
Dorme! Deixal a dormir!...

Esconde a medo nas tranças
O sorriso que a embala...
Dormem assim as creanças
Deixal-a dormir! Deixal-a!

Sonha! Deixal a sonhar!
A meia luz entre-aberta
Dos olhos desmaiaditos,
Anda lhe a mãe a brincar...
Cuidado se ella desperta
D'esses mundos infinitos!...

Os sonhos são tão bonitos!
E' tão o bonito o brincar!
Sonha? Deixal a sonhar!...

A boquinha enlanguescida
Finge fallar... e não falla!
Coitadinha!... Adormecida!
Deixal-a dormir! Deixal-a!
. . . .

Na terceira parte da *Alma Lyrica* ha trinta e sete soberbos sonetos, sendo trinta e qnatro subordinados ao titulo geral de *No rio*, e os tres ultimos respectivamente intitulados *Angelus*. *O pegureiro* e o *Crepusculo*

São primorosos todos elles, mas o *Crepusculo* é de mestre experimentado.

Creio que vive ainda para ahi um velho chavão que rezava assim: — «os sonetos devem fechar com chave de ouro».

Pois senhores, nos sonetos da *Alma Lyrica* de Luiz Osorio, o ouro anda a rôdo!

*
* *

O nosso velho amigo e profundo estudioso, Nobre França, offerece-nos gentilmente a sua *Philologia perante a Historia*, livro que elle modestamente apresenta como um *ensaio de critica á sciencia allemã e a varias sciencias*, mas que é realmente um bello trabalho sobre a prehistoria e sobre a creação das linguas.

O trabalho proficuo do sr. Nobre França tem por alicerce as theorias de João Bonança convertidas hoje, a maior parte d'ellas, em factos indiscutiveis.

Depois de serem apedrejados todos os que convencidos do talento e vasta erudição de João Bonança applaudiram o seu, então assombroso, programma da *Historia da Lusitania e da Iberia*, apparece agora a *Philologia perante a Historia*, livro evidentemente originado na leitura da obra de Bonança considerada já hoje, entre nacionaes e estrangeiros, a mais notavel producção historica d'este seculo, livro que responde triumphantemente a todas as diatribes.

O sr. Nobre França dedica a sua obra aos srs. dr Ferraz de Macedo e S. Estacio da Veiga designando os serviços notabilissimos, embora esquecidos pela sciencia portugueza official, serviços estes que moveram o auctor a plantar-lhes ali o nome; ha tambem ali uma pagina dedicada á memoria do nosso querido e inolvidavel Saraiva de Carvalho, outra á *Glorificação da Historia da Lusitania e da Iberia, por João Bonança* e uma outra *Ao culto das legiões socialistas, em testemunho de veneração pela sua justiça*.

A falta de espaço não nos permitte alongar muito sobre a obra de Nobre França

Não quizemos porém deixar de dar immediata noticia ao publico da notavel obra que vem abrir um novo estadio na sciencia nacional.

São dois compromissos que tomâmos, fallar em artigo especial da *Historia do Infante D. Duarte* de Ramos Coelho e da *Philologia perante a Historia* de Nobre França.

O que não podemos deixar para mais tarde, é o agradecimento ao auctor, nosso velho amigo e valoroso combatente, e felicital-o por um trabalho que, ao passo que vem prehencher uma lacuna, dá o primeiro golpe profundo nas velha escola dos escolhidos e reprobos.

O livro do sr. Nobre França forma um volume de 704 paginas que ao preço de 1$200 réis está á venda em todas as principaes livrarias de Lisboa e Porto.

Manuel Barradas.

NOVIDADES DA SCIENCIA

A FLANELLA VEGETAL. — A flanella vegetal é uma materia textil muito manufacturada na Allemanha A fibra é fiada e tecida para objectos de vestuario e em estofos de diversas qualidades, cujas vantagens medicinaes nada deixam a desejar.

Ha dois estabelecimentos em Breslan cujo pavimento é coberto de flanella vegetal.

Nos hospitaes, nas casernas, nas prisões de Vienna e em Breslan são exclusivamente empregadas as coberturas feitas com esta substancia vegetal. Uma das suas principaes vantagens é de impedir que algum germen doentio se possa n'elle abrigar.

Esta materia é igualmente empregada para estofar sofás, cadeiras etc. assimilhando-se muito á crina animal e custando apenas um terço do preço d'esta.

Empregada em camisolas ceroulas, meias, cobertores etc. conserva ao corpo calor muito agradavel.

Algumas officinas são illuminadas com o gaz produzido pelos refugos d'estas manufacturas.

ACÇÃO DO ACIDO NITRICO SOBRE A FUNDIÇÃO. — No instituto dos engenheiros americanos o professor R. C. Carpenter fez recentemente uma conferencia sobre as experiencias a que elle ultimamente tem procedido, no sentido de comparar a conductibilidade thermica das placas fundidas taes como ellas saem da fundicção comparadas com as mesmas placas ou laminas, tratadas pelo acido nitrico deluido durante periodos de 9, 18 e 40 dias sem que a força do banho de acido seja augmentada durante o tempo da immersão.

Os resultados teem mostrado uma mudança notavel no poder conductor das placas que foram imergidas no acido nitrico deluido.

Pela exposição do illustre engenheiro, facilmente se deprehende que pódem esperar-se muitas vantagens do banho das peças de fundição, destinadas aos cylindros das machinas a vapor.

S. P.

RICARDO HENRIQUE MAJOR, AUCTOR DO LIVRO «A VIDA DO PRINCIPE HENRIQUE».
FALLECIDO EM LONDRES A 25 DE JUNHO DE 1891

REVISTA POLITICA

Depois de um interinato de quasi dois annos na administração do municipio de Lisboa, appareceu no *Diario do Governo* a reforma do municipio, reforma promettida desde os principios do anno passado, em que o governo presidido pelo sr. Antonio de Serpa, houve por bem dissolver a vereação eleita poucos mezes antes.

Esta reforma como era de esperar, restringe tanto as attribuições e regalias da administração municipal, quanto lh'as tinha alargado a reforma de 1884.

Aquella reforma altamente liberal deu ao primeiro municipio do paiz uma independencia e liberdade de acção, que, se lhe premettiu emprehender a transformação completa das suas escolas, os grandes melhoramentos publicos na capital, e o extraordinario desenvolvimento dos seus serviços burocraticos, tambem lhe criou encargos e augmentou despezas que pela pouca prudencia com que se accumularam, a breve trecho empenharam a fazenda municipal de modo assustador.

Ainda assim não se póde dizer que fosse positivamente a ruina em que ia cahindo a administração municipal, o que mais influiu nos altos poderes do Estado para dissolver a camara, porque emfim o desbarato que ia pelo municipio não era mais que o espelho do que ia pela administração do Estado, mas principalemnte a importancia politica que a mesma camara ia adquirindo a olhos vistos, importancia d'uma politica pouco favoravel ás instituições.

E' por isso que a nova reforma municipal, além de tirar á camara a direcção e administração das escolas municipaes, além de lhe por peias ao excessivo desenvolvimento burocratico em que iam as suas secretarias, além de lhe retirar a administração da beneficencia publica, põem-n'a na dependencia do Estado para a approvação das suas medidas administrativas as quaes só poderão ser executadas se no praso de quarenta dias não forem suspensas pelo governo.

Esta condição parece que se foi buscar á legislaçãofranceza, no que toca á administração de municipios, mas um pouco modificada, porque a mesma legislação franceza dá aquelle poder ao *prefeito*, que entre nós corresponde a governador civil.

A mesma camara póde ser dissolvida por decreto motivado sem dependencia de qualquer outra formalidade, quando praticar quaesquer actos contrarios á firmeza das instituições politicas do reino, ou que tendam a menoscabar o respeito e obediencia devidos á constituição do Estado, e quando praticar quaesquer actos que possam produzir perturbação da ordem ou segurança publica, ou quebra de obediencia legalmente devida ás auctoridades publicas.

São estas as palavras do decreto, que afinal não é mais que lembrar os artigos da Carta, ou lei fundamental da nação.

De tudo isto só ha a concluir que o Estado deu-se mal com a primeira reforma do municipio e tratou agora de emendar a mão.

Quanto a eleições camararias diz-se que são para dezembro. Essas eleições devem despertar grande interesse na capital, a julgar pelo que para ahi corre a seu respeito.

Outro decreto importante publicou o *Diario do Governo* no dia 29 e foi o do indulto a 219 soldados e cabos condemnados como implicados na revolta de 31 de janeiro.

Esse indulto foi assignado por El-Rei no dia do seu anniversario natalicio.

Este decreto era esperado, mas havia quem o esperasse com maior latitude, estendendo-se até a outros condemnados da mesma revolta de mais elevada esphera, e porque assim não aconteceu, esses que esperavam mais amplo indulto, mostram-se pouco satisfeitos e dão pouca importancia á liberdade de 219homens.

Estes homens que lhes agradeçam a pouca consideração que tem pela sua liberdade, como tambem lhes devem agradecer aquelles que por terem tão bons procuradores, não participaram do mesmo indulto.

Ainda não ha muito as folhas republicanas declaravam que os condemnados da revolta de janeiro não acceitariam o indulto, e portanto, para serem coherentes deviam estar muito satisfeitos com a exclusão que por ora se fez dos mais compromettidos.

Nós é que não somos da mesma opinião, antes desejavamos que o indulto tivesse effectivamente abrangido todos, e estamos certos que assim teria acontecido se não fossem os amigos dos diabos que se intermetteram no negocio, a disporem da liberdade alheia por conta propria.

Faz-nos lembrar aquelle pae que apostava em como o filho era capaz de carregar com um saco de cinco arrobas, e por mais que o rapaz lhe dissesse que não apostasse, elle mais teimava na aposta.

Por fim o rapaz cahiu com o saco e ficou estatelado.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43